

A tragédia de Gaza

Nuno Severiano Teixeira | *Público* | 6 de Março de 2024

Nada justifica o acto terrorista e o ataque bárbaro do Hamas, dia 7 de Outubro: o sequestro de 253 reféns e o assassinato, à queima roupa e a sangue frio de 1200 civis inocentes. Mas nada justifica, igualmente, a resposta desproporcional, brutal e desumana do governo de Israel: a punição colectiva de um povo a pretexto de destruir uma organização.

Em Gaza, mais de trinta mil mortos, quase dois milhões de deslocados, 80% dos edifícios arrasados e dos 36 hospitais, 24 completamente destruídos. Nos restantes, há doentes sem assistência médica e crianças a morrer de fome. Não há água, não há alimentos, não há medicamentos. É o caos humanitário. Mas a estratégia de Netanyahu não é só a punição das populações, é também impedir qualquer forma de administração no território: seja palestina ou da ONU. Quer a destruição do Hamas, o que é legítimo. Mas não quer o regresso da Autoridade Palestiniana, nem a agência da ONU para os refugiados palestinos, o que não só é legítimo, mas absolutamente necessário.

Israel tem o direito de se defender. Mas Netanyahu não tem o direito de o fazer violando todos os princípios mais elementares do Direito Internacional. O caos serve o seu objectivo e não ouve nada nem ninguém. Nem o seu maior aliado. Aliado de sempre, compreende-se que os EUA tenham apoiado Israel, desde o primeiro minuto. Mas não se compreende que, ao fim de cinco meses, os EUA mantenham um apoio incondicional, quando Netanyahu persegue objectivos políticos e uma estratégia militar que contrariam frontalmente e estão a prejudicar os interesses norte americanos. Biden quer uma estratégia centrada em alvos militares, que minimize as baixas civis, Netanyahu uma estratégia de ataques maciços e punição das populações. Biden quer um cessar-fogo e facilitar o apoio humanitário, Netanyahu recusa o cessar-fogo e faz tudo para dificultar a ajuda humanitária. Biden quer o regresso de uma Autoridade Palestiniana “renovada” para a administração da Faixa de Gaza, depois da guerra, Netanyahu não quer. Biden entende que a solução política é a solução dos dois estados, Netanyahu, já o disse: recusa liminarmente.

No plano militar, o Secretário da Defesa norte americano já avisou Israel que “a mão pesada táctica corre o risco de resultar em derrota estratégica”. No plano diplomático, o secretário de Estado já visitou cinco vezes o Médio Oriente, desde o início do conflito, e voltou sempre com a mão cheia de quase coisa nenhuma. E apesar disso, os EUA continuam a apoiar sem condições Netanyahu: em material militar e cobertura diplomática. E são já três os vetos americanos no Conselho de Segurança da ONU a favor de Israel que deixaram os EUA diplomaticamente isolados.

Os teóricos das Relações Internacionais que estudam as alianças conhecem bem esta dinâmica em que, numa aliança assimétrica, a potência menor (o Estado cliente) toma

decisões que contrariam e condicionam a potência maior (o Estado patrono). Chamam-lhe “aliança-armadilha”. Ora, os EUA estão, hoje, numa aliança-armadilha. Apoiam incondicionalmente um aliado que não controlam nem conseguem condicionar.

Depois da tragédia de 29 de Fevereiro que matou e feriu centenas de palestinianos em busca de alimentos, o lançamento aéreo de ajuda alimentar é a prova provada da impotência americana. Nem sequer consegue convencer Israel a abrir corredores humanitários. Como prova de impotência é também, depois das declarações veementes da vice-presidente americana, o acordo de cessar-fogo continuar adiado.

Os teóricos das alianças dizem também que, nestes casos, a vontade da potência maior só é cumprida quando, para além da política declaratória, há consequências materiais. E os EUA não as quiseram usar: nem sanções económicas; nem condicionalidade política; nem sequer investigações sobre direitos humanos. E, pelo contrário, vêm-se envolvidos num conflito em que não está em causa, directamente, o seu interesse nacional e, mais do que isso, que os está a deixar internacionalmente isolados. A política extremista de Netanyahu não está só contra a administração Biden, está contra os próprios interesses americanos.

Só os EUA podem conter Israel. Mas, para isso, precisam de ir para além da retórica e impor consequências materiais. E, ou o fazem urgentemente e põem fim a esta tragédia, ou arriscam-se a ficar cúmplices dela.

<https://www.publico.pt/2024/03/06/opiniao/opiniao/tragedia-gaza-2082661>